



PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE
SECRETARIA MUNICIPAL DA CULTURA

MÃE ou O ANTI-ÉDIPO

peça teatral de autoria de Ricardo Lopes

vencedora, em 2º lugar, do

3º Concurso Nacional de Dramaturgia - Prêmio Carlos Carvalho/2000

IMPORTANTE: Conforme o edital do Prêmio Carlos Carvalho / Auxílio-Montagem, concurso nº 17/10, processo nº 001.044122.10.1, item 2.4. *“Os direitos autorais para montagem das peças teatrais, que são objeto do prêmio de auxílio-montagem, estão liberados pelos próprios autores”,* exclusivamente, *“nas datas para as apresentações gratuitas previstas no item 1.1 deste edital”* (15, 16, 17, 22, 23 e 24 de julho de 2011), *“sem ônus para o Município e para os encenadores”,* após essas datas, a liberação para novas apresentações estará sujeita a novo acordo a ser realizado diretamente entre autores e encenadores. Qualquer infração aos direitos autorais estará sujeita à legislação vigente no País.

MÃE ou O Anti-Édipo

de Ricardo Lopes

“Mãe: ou O Anti-Édipo”

Personagens:

A Mãe (uma autêntica balzaquiana, portanto, uma mulher de trinta anos)

Edinho, o seu filho de 17 anos.

O Pai da mãe

A mãe da mãe

A Cartomante

Cena 1

Cenário: uma sala de estar de uma casa bem modesta, pobre mesmo. Há uma mesa mais ou menos no centro, mais ou menos quadrada. Além disso, pode ter qualquer outro apetrecho condizente com uma casa desse tipo. Uma tv, um jarro de flores, etc. Qualquer destes acréscimos devem servir apenas para sugerir o ambiente e não descrevê-lo.

A cena inicia-se na escuridão. Em cima da mesa há um bolo com duas velas acesas, uma com um número um, outra com o número sete. As velas ficam acesas durante alguns minutos. De repente a mãe começa a cantar o parabéns. Ela pode fazer de duas formas: ou como uma mãe que trata o seu filho de dezessete anos como um débil mental, de modo infantil, portanto, ou com a sensualidade de uma Marilyn Monroe cantando o célebre parabéns para John Kennedy, no aniversário do presidente americano, em 1962.

A Mãe – “Parabéns pra você,

Nesta data querida,

Muitas felicidades,

Muitos anos de vida!”

No mesmo instante em que a mãe pára de cantar, o garoto sopra as velas e as luzes se acendem. A mãe dá um beijo no filho. Na boca. Com os lábios fechados. Beija-o segurando seu rosto com as duas mãos, não dando chance sequer para que o garoto vire a cara.

A Mãe (cantando que nem nos aniversários) - Edinho, Edinho!

Edinho (limpando a boca com as costas da mão) – Pô mãe! Pára com isso. Você sabe que eu não gosto que você fique me tratando assim, que nem criança. Me chamando pelo diminutivo. Ainda mais assim, me beijando na boca. Na boca!

A Mãe (fazendo-se de ingênua) – Que é que tem, meu filho? Tem tanta mãe que beija o filho assim, na boca.

Filho- Ah! Essa é boa. Essa eu nunca vi.

A Mãe- Ah! Nunca viu? Pois eu já vi. Eu vi na tv. Você não fica vendo tv o tempo todo? Não vai me dizer que você nunca viu artista beijando o filho assim, na boca!

Edinho- Não, eu nunca vi.

A Mãe (como se falasse com uma criança) - Não acredito. Fala a verdade. Você sabe que sua mãe não gosta que você fique mentindo para ela (segurando com uma única mão os dois lados do rosto do garoto) Olha pra mim. Olha. Nos olhos. Vai dizer que você nunca viu uma mãe beijar o filho. Na boca. Na tv. Você fica vendo tv o dia todo. Me diz. Não vai dizer que você nunca viu?

Edinho (largando-se da mãe) – Vi mãe, vi. Mas acontece que eu não gosto. Eu não gosto de você ficar me beijando assim, na boca. Também, eu só vi mãe beijando filho muito pequeno e não um cara de dezessete anos.

A Mãe- Ah bom, então você não gosta que sua mãe lhe beije (fingindo-se sentida) Já entendi.

Edinho- Não é assim. (Pausa). Você fala como se eu não gostasse de você (outra pausa). Você pode me beijar, mas não na boca. Na boca é que eu não gosto.

A Mãe (como se falasse para ela mesma)- Mas é na boca que eu gosto. (Pausa. Divagando). Antes você gostava que eu te beijasse. Na boca. Até pedia (Pausa. Voltando a dirigir-se ao filho) Tem uma amiga minha que beija o filho até com a língua. Você não quer nem encostar o seu lábio no meu. Acha que eu tenho lepra, aids, tuberculose, câncer, sapinho...

Edinho- Não é nada disso, mãe. Você sabe que eu já estou com dezessete anos. Não fica bem.

A Mãe - Com dezesseis ficava muito bem...

Edinho (como se nem tivesse ouvido a mãe falar, divagando)- Ano que vem vou fazer dezoito. Vou ficar maior de idade, tirar carteira, essas coisas. É verdade que eu já posso até votar, mas isso não me interessa. Isso nunca me interessou. Eu nunca vou votar mesmo. Quando eu for obrigado, eu só vou votar em branco. (Pausa) Quando eu fizer dezoito anos eu vou ser responsável por mim mesmo. Pelos meus próprios atos. Minha mãe não vai precisar assinar mais nada no colégio, nem em lugar nenhum. Eu vou poder fazer o que quiser. Eu vou poder ser preso...

A Mãe- Primeiro você vai ter que se formar.

Edinho- Eu vou trabalhar...

A Mãe- Vem cá, meu filho.

Edinho- (saindo do seu transe)- Hum?

A Mãe- Vem cá, vem cortar o bolo!

Edinho (como um menino) – Mas eu não sei ...

A Mãe- Vem cá que eu te ensino. Vem.

(O filho vai até a mãe, junto ao bolo. Desajeitado, ele pega na faca pra cortar. Assim que Edinho pega a faca, ele a observa como um objeto estranho. A mãe pega-o por detrás, sensualmente, ensinando-o a cortar o bolo. Pega na mão dele, etc)

A Mãe (de um modo sensual, dosado) – Devagar, senão cê vai estragar tudo.

Edinho- Assim?

A Mãe- Assim mesmo! Muito bem, mas não precisa tremer.

Edinho (tentando enganar) – Eu não estou tremendo!

A Mãe- Bobinho. Não precisa mentir. Pra mim não! Não precisa ter vergonha. Não comigo
(pausa. Eles começam a cortar o bolo bem devagar) Pode ficar tranquilo que não vai doer
nada, ouviu? (cortam um pedaço) Pronto.

(O filho pega o pedaço de bolo, sem saber o que fazer com ele)

A Mãe (saindo detrás do filho)- Pra quem que você vai dar o primeiro pedaço?

Edinho (surpreso) – Como, pra quem? Só tem você e eu aqui!

A Mãe – Então me dá.

Edinho- ã ?!

A Mãe- Me dá o pedaço!

(O filho entrega o pedaço para a mãe)

Edinho- Toma.

A Mãe- Ô, mas que lerdexa, parece até pastel (quando ela chega perto do filho, ela faz
como quem vai lhe beijar na boca mas o garoto vira e o beijo sai no rosto). Obrigado,
ingrato (o filho se afasta, a mãe morde o pedaço). Hum! Tá uma delícia! (pausa. A mãe
mastiga com prazer)

Edinho- E eu, não ganho não?!

A Mãe – Ah! Deixa eu cortar procê. (a mãe vai até o bolo, corta um pedaço, devagar,
quase com sensualidade, pega-o, vai até aonde está o filho e entrega-lhe, carinhosamente).

Edinho (com uma certa vergonha) – Obrigado.

(Edinho morde um pedaço do bolo e começa a mastigar. Pausa. Ambos ficam comendo do
bolo durante um tempo)

A Mãe- Edinho!

Edinho (de boca cheia)- Que é?

A Mãe (cortante)- Quantas vezes eu lhe falei pra não falar com a boca cheia?

Edinho (ainda de boca cheia) - Desculpe!

A Mãe – Aí, falou de novo.

(Pausa. A mãe espera o filho mastigar, com uma certa impaciência, como se isso atrapalhasse o que ela iria lhe falar).

A Mãe (carinhosamente)- Terminou?

(Edinho faz que sim, com a cabeça)

A Mãe (indo até o filho e olhando nos seus olhos, com sensualidade) – Feliz aniversário!

Edinho (de novo com vergonha) – Obrigado.

(Pausa).

A Mãe (depois de ter comido todo o seu pedaço) – Edinho!

Edinho – Que é?

A Mãe- Posso te pedir uma coisa?

Edinho- Ué, pede!

A Mãe – Me dá um pedaço do seu bolo?

Edinho- Ô mãe, tem mais ali ...

A Mãe – Não, eu quero desse que você está comendo.

Edinho- Ué, por quê?

A Mãe – Porque é mais gostoso!

Edinho (quebrando um pedaço do seu bolo e estendendo-o à mãe) – Toma.

A Mãe- Não, assim não.

Edinho – Ué, não entendi.

A Mãe – Você também não entende nada. Eu quero um pedacinho deste aí. Deste que está na sua boca?

Edinho- O quê?

A Mãe- Você tá surdo? Não ouviu não? Eu disse que eu quero um pedaço do bolo que está na sua boca!

Edinho – Tá brincando.

A Mãe- Brincando, uma ova! Você não sabe o que você está perdendo.

Edinho- Perdendo?

A Mãe- Comer bolo da boca do outro, de quem a gente gosta, é claro, é a coisa mais gostosa que existe. Da nossa boca, quase não tem graça. O bom é da boca de quem a gente gosta.

Edinho- Essa eu nunca vi.

A Mãe- É que faz tempo que eu não faço isso com você. Você nem se lembra mais, mas eu sempre comi bolo da sua boca. Em quase todos os seus aniversários eu comia o bolo era da sua boca. E você da minha. Como um passarinho. (pausa) De uns tempos pra cá é que eu fui deixando de comer. Não sei por quê... Também, não é todo aniversário que tem bolo! (pausa) Então você acabou se esquecendo. Mas do beijo você não se esqueceu, ou esqueceu?

Edinho – Não, eu só não gosto que você fique me beijando assim, na boca ...

A Mãe- Antes você gostava.

(Pausa).

A Mãe- Vai, me dá um pedaço.

Edinho- Como assim?

A Mãe (com impaciência)- Mas quê garoto! Depois fica dizendo que é homem. É homem nada. A gente tem que ficar ensinando tudo o tempo todo! Vai engole (mandando o garoto engolir o pedaço que ele está mastigando. O filho engole). Isso. Agora pega o pedaço que está na sua mão. (o garoto olha pro pedaço) Esse aí mesmo que você está olhando. Vai,

põe. Bota só a metade dele na sua boca. (Pega na mão do garoto e faz pra ele) Assim, entendeu? (O filho fica parado como um bocó, com metade do bolo pra fora da boca). Não precisa ter vergonha, ninguém tá vendo mesmo! Também, como é que você ia ter vergonha de sua mãe que trocou suas fraldas. Você sabia que eu já troquei as suas fraldas? Lhe dei banho? Agora que você passou a ter essa mania de só se despir longe dos meus olhos. Inventou moda. O pior é que fica exigindo que eu também só me dispa no banheiro. E ainda por cima, com a porta trancada. Não se toca que eu tenho medo de ficar assim, trancada. (para platéia) É claustrofobia! (Então, a mãe pega a outra metade do bolo que está pendurada na boca do menino, com a boca. Neste momento, ela lhe dá um beijo, na boca. O menino se afasta ensaiando uma cara de nojo e limpando a boca com a mão).

A Mãe (com a boca cheia)- Seu bobo! Tá uma delícia.

Edinho (tentando parecer sério) – Você sabe que eu não gosto disso!

A Mãe-Do quê? Do bolo? Ou do beijo?

Edinho-Eu não gosto que você me beije! Que você me beije assim na boca.

A Mãe- Antes você gostava. Até pedia. Eu é que, as vezes, evitava. Para que você não viciasse. Não ficasse mal acostumado.(divagando) Mas eu acho que fui eu que viciiei. Eu sempre gostei mesmo de beijar. Na boca. Beijo é na boca. O primeiro beijo que eu levei acho que foi logo assim, na boca. Foi papai quem deu. Papai só me beijava assim. Até hoje eu me lembro do primeiro beijo que ele me deu. E eu não me lembro de nenhuma vez que ele tivesse me beijado que não fosse assim, na boca. E, então, desde criança, eu sempre achei que fosse comum a gente se beijar assim. (Pausa.) Mas, um dia, apareceu aquele sujeito, aquele que fez aquilo comigo...

Edinho (interrompendo) – Não, mãe, não vai contar de novo aquela história.

A Mãe (voltando a si) – Por quê, meu filho ?

Edinho – Porque eu não agüento. Eu não aguento mais ouvir essa história. Desde que eu nasci que você me conta essa história (imitando) Então apareceu aquele sujeito... Eu não agüento.

A Mãe- Ué, eu sempre repeti e você nunca reclamou. Agora deu pra isso (para a platéia) Ele tá ficando independente. (Consigno mesma). Mas como eu ia dizendo, papai só me beijava assim, na boca. Tanto que eu pensava que todo mundo só se beijava desse jeito. Quero dizer, homem e mulher, pai e filha. Papai e mamãe é que não se beijavam. Minha mãe parecia que nunca que tinha sido beijada. Minha mãe realmente nunca foi beijada. Acho que ela morreu sem nunca saber o que era um beijo.

Cena 2

(O filho vão para segundo plano. Entram o pai e a mãe da mãe. Esta senta-se na cadeira, muda. O pai, vestindo um terno simples, prepara-se para sair. A mãe de Edinho volta à infância. Pai despede-se da filha, a mãe de Edinho. Beijam-se na boca, de língua e demoradamente).

Pai (com sensualidade) – Tchau filhinha. (vai saindo). Antes de sair, passa pela mulher, a mãe da mãe muda, e acena) Até! (O pai sai, a mãe fica parada no palco, enlevada. As luzes do trecho do palco aonde se passou esta cena se escurecem).

Cena 3

(Luz novamente sobre a mãe, na atualidade. Antes da mãe começar a falar, ela fica enlevada, na mesma pose em que estava quando jovem, depois de ter sido beijada pelo pai)

A Mãe - Mas, um dia, apareceu aquele homem. Acho que era um amigo de papai. Ou era um estranho. Um homem da idade do papai, ou não sei quem. Havia um homem. Não era

muito velho porque papai não era muito velho. Nem feio, porque papai também não era feio. Papai era um homem muito bonito. (pausa) Ele que estava fazendo não-sei-o-quê, procurando por não sei quem (pausa) Tem uma coisas que eu não me lembro. Outras eu criei. Para ser mais verdadeira Então o homem esperou. Esperou por uma eternidade. E eu fiquei conversando com aquele homem parecido com papai. Eu conversava com ele porque eu não sabia o que falar. Então aconteceu aquilo...

Edinho (berrando)- Chega! Chega! Eu já sei, agora você vai beijar o cara.

A Mãe (como se o filho tivesse falado normalmente, sem berrar) – Hum! Você não sabe de nada. Não fui eu que beijei. Ele é que me beijou. Na boca.

Edinho- Tá, eu já sei. Eu já sei.

A Mãe- O pior é que eu gostei.

Edinho (fingindo que não tá mais aí) – Mãe, ô mãe!

A Mãe – Que é ?

Edinho- Eu quero mais.

A Mãe- Mais o quê?

Edinho- Mais bolo, ora!

A Mãe- Pega lá. Você ainda não aprendeu a cortar?

Edinho (com vergonha) – Não. Corta você, senão eu vou estragar tudo. Além disso é meu aniversário né.

A Mãe- Tá bom, já que você insiste. Já que você não sabe fazer, eu mesma faço (vai até o bolo, corta-o maquinalmente, vai até o filho e entrega a ele um pedaço bem grande). Toma!

Edinho-(pegando o pedaço, já mordendo-o)- Obrigado.

A Mãe- Está satisfeito, agora? Posso continuar a minha fala?

Edinho (com a boca cheia)- Mas você vai falar aquilo de novo, vai?

A Mãe- E você vai continuar falando com a boca cheia, vai? (pausa) Vamos fazer assim: enquanto você come o bolo, fica caladinho e ouve. Ouve como se fosse um filme, ou uma peça de teatro.

Edinho (falando sozinho. Com gosto)- Eu odeio teatro!

A Mãe- Eu sempre gostei muito de teatro. Eu nunca fui ao teatro, mas eu sempre gostei muito de teatro. Eu sei que você já ouviu. Acontece que eu sempre conto uma história diferente. Eu nunca consigo dizer a mesma história, de modo que a mesma história parece sempre uma história diferente. Mudo uma palavra, esqueço outra, acrescento alguma coisa. Eu, também, não me canso de falar. Eu preciso falar. Já que você não quer me beijar mesmo, eu pelo menos uso a boca pra falar.

Edinho- Tá bom, tá bom. Mas, se eu não suportar ouvir, porque faz tempo que eu não suporto mais te ouvir, quero dizer, eu não suporto mais ouvir você contar esta história... Então, se eu não suportar, você não vai ficar zangada se eu sair de cena, vai?

A Mãe- Eu prefiro que você fique aí onde você está. Nem que seja fingindo que está me ouvindo. Que nem um público num teatro chato. Falar pruma platéia que não está te ouvindo é sempre melhor do que falar pruma parede. (para a platéia) Todo mundo precisa de um pouco de calor humano.

Edinho- Mas, se eu não suportar eu vou sair. Eu não quero assistir a essa cena novamente.

A Mãe Então sujeito me beijou. O sujeito me beijou e eu gostei. Eu gostei daquele beijo...

(Neste momento, nas duas falas seguintes, mãe e filho falam ao mesmo tempo)

Edinho (pro público, ou pra ninguém)- Eu não agüento ouvir esta história, eu não agüento. Há 17 anos que eu ouço esta história. Acho que antes mesmo de eu nascer eu já ouvia. Eu ouvia lá do ventre de minha mãe. Acho mesmo que fui eu que trouxe esta história. Eu que fui parar na barriga no momento em que o sujeito a estuprou. Foi ela ser estuprada e eu

nascer. Digo, ficar ali, esperando, na barriga dela, nove meses, sem saber sequer que ia nascer. Acho até que fui eu que esperei minha mãe e não ela a mim. Porque minha mãe, de fato, não me esperava. Eu cheguei inesperadamente. E esperei ouvindo que ela foi estuprada, que eu fui fruto de um estupro. Eu não suporto mais ouvir falar mais nessa história. Eu não suporto, eu não suporto... (Edinho sai com dificuldade, deprimido).

A Mãe (essa fala da mãe é dita paralelamente à fala anterior, de Edinho) – Ele me estuprou. De modo que eu nunca fui amada, só estuprada. Eu realmente nunca fui amada. Estupro. Acho que essa foi a primeira palavra que aprendi. Na prática. E ele parou de me beijar, e começou a coisa, a me estuprar. Acho até que ele sabia que eu gostava de beijar. Então ele me beijou só pra me estuprar. E me veio uma dor insuportável, igual à dor do parto, quando eu dei à luz ao fruto daquele estupro, Quando papai soube que eu tinha ficado grávida, grávida de um estupro, que ia ganhar barriga, aí meu pai disse que era pra eu abortar...

Cena 4

(Penumbra. Enquanto o filho sai de cena, entram o pai da mãe, a mãe da mãe. O cenário da casa da mãe quando era jovem é o mesmo da casa dela e de seu filho, Edinho. A única diferença é que o local onde está o bolo agora está sem luz. O bolo não está em cena. A mãe da mãe ficará o tempo todo muda, sentada numa cadeira. Em cima da mesa há um vidro de “xarope” que o pai trouxe).

Pai (andando pra lá e para cá) - Não é. Não pode ser. Esse filho não pode nascer. Você vai ter que abortar. Tem que abortar, tem que abortar.

A Mãe - Não sei por que!

Pai- Como não? O que é que vão dizer? Como é que vai ficar?

A Mãe- O que me importa o que é que vão dizer?

Pai- Você não sabe de nada.

A Mãe – Eu sei sim.

Pai – Sabe, sabe.

A Mãe- Sei sim!

Pai- Sabe? Então, o que é aquilo ali que está em cima da mesa? (apontado para o vidro).

A Mãe – Que que é ?

Pai – Sabe o que é, sabe ?

A Mãe – Não, não sei.

Pai – É um vidro de xarope. Eu comprei na farmácia. Um amigo me indicou. É tiro e queda.

Pá! (bate com a palma da mão)

A Mãe (desconfiada) – Pra quê?

Pai – (pra platéia) – Ela não sabe de nada (voltando-se pra filha) É pra você tomar, minha filha.

A Mãe (assustada) – Não pai, eu não posso tomar isso!

Pai- Pode sim.

A Mãe (com medo, ensaiando uma fuga) – Não papai! Eu não vou tomar isso papai.

Pai (pegando o “xarope”, abrindo a tampa e indo em direção à filha) – Vai tomar sim.

A Mãe- Não papai! Não!

Pai- Toma, toma!

A Mãe – Não papai! Não!

Pai (com o vidro virado na direção da boca da menina, tampando o seu nariz para fazê-la abrir a boca) – Toma, toma, toma!

(As luzes vão escurecendo até o breu).

A Mãe- Não papai, não!

Pai – Vai tomar sim! Vai tomar sim! Toma, toma, toma!

Cena 5

(A cena volta à casa da mãe, na atualidade)

A Mãe - O estupro, então, me deu um filho. E, desde então, eu só tive meu filho. E nunca mais que ninguém me tocou. E nunca mais que amei. E também não consegui beijar a mais ninguém. Beijava apenas o meu filho. Somente o meu filho é que eu beijava. Na boca. Tanto que eu me acostumei. Acostumei a beijá-lo. Troquei suas fraldas, dei-lhe o peito e beijos. Beijos, beijos, beijos. Eu criei meu filho como se não existisse mais ninguém. Como se só existisse eu e ele nesse mundo. E, de fato, só existia eu e ele. Por isso que eu o beijava. Eu nunca consegui mesmo ficar muito tempo sem beijar! Eu sempre fui muito sexualizada. Então eu o beijava. E comemorava o seu aniversário... (chorando e cantando. Com sensualidade e com tristeza, ou somente com tristeza) “Parabéns pra você/ Nesta data querida/ Muitas felicidades/ Muitos anos de vida”.

(A mãe pára de cantar, vê que está sozinha. Então ela vai em direção a uma porta ou uma janela imaginária e grita) Feliz aniversário! Feliz aniversário! (breu. Desesperadamente) Feliz aniversário, meu filho!

Cena 6

Cenário- O mesmo da casa da mãe e de Edinho. A diferença é que no lugar do bolo e em cima da mesa encontra-se um baralho. A cartomante que é cega, com os olhos bem abertos, sentada à mesa, mexe no baralho. A mãe quando ainda jovem, grávida (grávida mais sem barriga) bate na porta. Uma porta imaginária mas cujo som pode-se ouvir perfeitamente. Mais perfeitamente que a batida em uma porta real.

A Cartomante – Quem é?

A Mãe – Sou eu! A que marcou uma hora com a senhora.

A Cartomante (consigo mesma)- Ah! A menina grávida.

A Mãe (surpresa) – Grávida!

A Cartomante (falando da própria mesa) – Pode entrar!

A Mãe – Ah! Com licença.

A Cartomante – Pode sentar aqui.

A Mãe – Pois não.

A Cartomante – Quantos meses?

A Mãe – Quanto o quê ?

A Cartomante – Quantos meses? Há quantos meses você está esperando?

A Mãe – Ué! Eu não te disse que eu estava grávida!

A Cartomante – Não precisa, eu sei. Eu sei de tudo.

A Mãe – Sabe como? (pra platéia) Ainda por cima ela é cega. É o fim da picada!

A Cartomante (como quem cita um texto decorado) – Os dois olhos que tens pouco te adiantam, pois não podes ver a miséria que te cerca.

A Mãe – Eu hein!

A Cartomante (sentando-se à mesa) - Pode cortar.

A Mãe (cortando o baralho) – Assim?

A Cartomante – Assim! (a cartomante pega uma das partes que a menina cortou e, em seguida, vai virando as cartas) Hum!

A Mãe – Que que cê tá vendo aí?

A Cartomante – Eu vejo que no começo está seu fim.

A Mãe (pra platéia) – Não entendi patavina.

A Cartomante – Dará luz a um menino que te trará muita desgraça. E já desgraça trouxe antes mesmo de chegar. O valete de espadas.

A Mãe (pra platéia) – Não agüento mais desgraça.

(as luzes vão se apagando)

A Cartomante (como quem cita um texto)- Coabitarás com gente tua em sórdida concupiscência.

A Mãe – Concu o quê?

(breu)

A Mãe (alto)- Concu o quê? Concu o quê? Concu o quê?

Cena 7

(Luz. Cenário: casa da mãe quando era jovem. Em cena pai, a mãe e a mãe da mãe, muda. Esta está sentada ao fundo, enquanto pai está próximo da mãe que leva uma pequena “mala”. Ela está se despedindo do seu pai.)

Pai- Você já vai, minha filha (a menina faz que sim com a cabeça) Você sabe que você poderia muito bem ficar. Você sabe que eu sempre gostei muito de você. Não fosse esse menino. Mas você preferiu a ele. Você preferiu a ele do que a mim. Por quê que você preferiu a ele do que a mim?

A Mãe- Eu não preferi papai. Eu não prefiro. Eu gosto dos dois. Eu gosto de você e do meu filho. O senhor é que não gosta dele.

Pai- Não gosto mesmo, não gosto mesmo. Você preferiu ele do que a mim!

A Mãe- Eu não preferi, papai, foi Deus. Foi Deus que quis.

Pai (irritado)- Deus, Deus, quê Deus! Foi você que quis. Deus não quer nada. Deus nunca quer nada. A gente é que tem que querer. A gente é que tem que ter vontade. Porque, por Deus, a gente não faria nada.

A Mãe- Quer sim! Pra mim, ele é que quis.

Pai- Isso é sua mãe, que fica te ensinado religião de forma errada. Se você soubesse...

A Mãe- Mas eu sei. Eu sei sim, e não foi só mamãe que me ensinou. Eu fiz o catecismo, a comunhão.

Pai- Comunhão, comunhão... você não sabe nada. Todo padre ensina religião de forma errada.

A Mãe- Não sei por quê?

Pai- Não sabe mesmo (pausa. Depois, quase chorando) Se ao menos você pudesse entender, minha filha. Por quê é que você não me entende?

A Mãe- Não, eu não entendo.

Pai - Eu preferia que esse filho não nascesse porque eu sinto que, de alguma forma, ele vai atrapalhar a gente. Vai se meter entre eu e você, vai nos afastar. Você vai gostar mais dele do que de mim e eu não vou suportar ser desprezado. Desprezado por você. Eu não vou suportar. Então, se é que você quer ter esse filho, eu prefiro que seja longe daqui, de mim.

A Mãe- Por isso que eu vou me embora. Porque eu quero ter meu filho.

Pai- Um filho. Não sei porque, mas parece que eu sei que você vai ter um menino.

A Mãe- Eu também acho. Eu sempre achei que eu ia dar luz a um menino. (consigo mesma, ou para a platéia) É uma intuição. Eu sempre acreditei muito na minha intuição.

Pai- Não sei por quê, mas eu não gosto de meninos. Se sua mãe tivesse tido um filho, se você tivesse nascido um menino, eu acho que eu teria obrigado ela a me abandonar. Se tua mãe tivesse tido um menino, você simplesmente não estaria aqui, você entende?

A Mãe (pensativa)- Eu pensei que você tivesse abandonado...

Pai- Se ao menos eu soubesse que você fosse ter uma menina... Talvez eu ainda deixasse você ficar com a gente. Mas acontece que eu só consigo pensar nesse filho como um

menino. Por isso eu não quero arriscar. Além disso, daqui a pouco você vai ganhar barriga. Vai se transformar. Vai deixar de ser a menina bonita que você sempre foi. Porque não existe coisa pior pra enfeiar mulher do que barriga. Eu comecei a não gostar de sua mãe depois que ela ganhou uma barriga (olhando para a mãe) Ganhou e nunca mais perdeu (pausa) E a barriga de gravidez é muito grande. Não dá pra disfarçar. Enquanto você não ganhar barriga você até pode ficar. Mas assim que você embarrigar, não vai dar mais pra você ficar aqui.

A Mãe- Então eu vou agora. Eu vou ter que ir me embora mesmo.

Pai- Você ainda nem tá com barriga!

A Mãe- Eu não consigo ficar aqui com você odiando o meu filho. Também eu tenho medo. Eu tenho medo que você possa fazer alguma coisa.

Pai- Eu não posso fazer nada, porque eu tenho medo de te prejudicar. Mas se eu tivesse o poder de Deus, eu faria você abortar.

A Mãe- Eu não sei como é que Deus não te castiga.

Pai (rindo)- Castigar, castigar. Ah! Ah! Ah! Deus não castiga nada. (desesperado, segurando nos braços da menina) Se não tivessem te ensinado a religião de forma errada. Se você soubesse minha filha, se você soubesse.

A Mãe- Soubesse o que papai?

Pai- Se você soubesse das coisas. Das coisas dessa vida.

A Mãe- Quê coisas?

Pai (sem ouvir a filha)- Se você soubesse que não há deus nenhum, que Deus não existe nada... Deus não existe, e por isso tudo tanto faz., entende? Você pode matar teu filho ou não que ninguém vai se importar com isso. Você entende? Ninguém vai ver, ninguém vai

se importar. Porque não há deus nenhum e a gente pode tudo. A gente pode tudo. Você entende, minha filha? Você consegue me entender?

A Mãe (desvencilhando-se do pai)- Eu não entendo. Eu não consigo entender. Pra mim, Deus sempre existiu. Também sempre castigou. Ou, pelo menos um dia vai castigar.

Pai – Mas não existe e você pode.

A Mãe- Como não existe?

Pai- Não existe nem nunca existiu! Se você quiser ...

A Mãe- Querer o quê?

Pai- Se você quiser, cê pode.

A Mãe- Posso o quê, papai?

Pai- (quase chorando, ou chorando) Você pode não me abandonar, se você quiser. Não me abandona filha, não me abandona! Basta você querer que a gente pode. Não me abandona!(O pai beija a filha, diversas vezes, na boca, depois fica de joelhos para a filha, gritando)

A Mãe- Pára, pai, pára com isso!

Pai- Eu te amo, minha filha, eu te amo. Não me abandona!

A Mãe- Não faz assim, papai! Não faz assim.

Pai- Não me abandona! Não me abandona!

(O pai abraça a filha e desce sobre suas pernas de modo que, depois, a menina fique sentada no chão com o pai no colo. Ficam assim durante um tempo. O pai chora. A luz enfraquece. Há uma pausa. Depois a menina canta uma canção de ninar para o pai que dorme. Assim que ela termina a canção, as luzes se apagam.)

A Filha- “Tutu Marambá não ve-enha mais cá

Que a mãe da criança te ma-andar matar.

Tutu marambá não ve-enha mais cá

Que a mãe da criança te ma-andar matar”.

(Breu. A mãe canta no escuro)

Cena 8

Luz. Cenário: o mesmo da cena anterior, só que ao invés de ter o pai no colo, a mãe tem o seu filho. O menino está na mesma posição do pai.

A Mãe- “Tutu Marambá não ve-enha mais cá

Que a mãe da criança te ma-andar matar.

Tutu marambá não ve-enha mais cá

Que a mãe da criança te ma-andar matar”.

(Breu)

Cena 9

Cenário: a casa da mãe quando adulta, na “atualidade”. É o quarto de Edinho sua mãe. Uma cama de casal ou de solteiro. Um criado mudo, uma penteadeira. (Quando as luzes se acendem Edinho, agora com dezessete anos, dorme com sua mãe. O braço desta está sobre o filho. Ambos dormem. De repente, Edinho acorda. Espreguiça-se. Tenta se desvencilhar do braço da mãe tomando cuidado para não acordá-la, meio sem jeito. Quando ele consegue levantar-se, espreguiça-se novamente, soltando um bocejo.

Edinho – Pô, tô cansado de dormir com minha mãe! (pausa) Quando eu arranjar um emprego, eu vou comprar um'outra cama pra eu dormir. Por enquanto tenho que me virar com essa aí. Poxa, até casais, tem uns que, hoje em dia, dormem em cama separadas. A gente não é moderno mesmo. A gente dorme sempre junto. Mal cabem eu e minha mãe. Ou dorme bem eu ou dorme ela. É sempre assim. Quando não é o braço, é uma perna que está em cima de mim. Quando é uma perna então, nem se fala. É a maior dificuldade pr'eu sair. Ela enfia as suas pernas entre as minhas de um modo que eu não consigo me livrar.

(A mãe mexe-se na cama, como quem está acordando.)

Edinho – Ih! Acho que falei alto demais.

(Edinho vai até aonde está a mãe e canta uma canção pr'ela ninar.)

Edinho – “Boi, boi, boi, boi da cara preta.

Pega essa menina que tem medo de careta.

Boi, boi , boi, boi da cara preta.

Pega essa menina que tem medo de careta”.

(A mãe, que estava acordando, volta a dormir com o canto do filho. Edinho canta a canção pianinho, até o silêncio. As luzes diminuem na mesma proporção do som, até o breu.)

Cena 10

Luz. Cenário: casa da cartomante. Esta está sentada sobre a mesa, lendo as cartas. Edinho chega e bate na porta imaginária. Ouve-se a batida.

A Cartomante – Quem é?

Edinho – Sou eu, o rapaz que marcou uma hora com a senhora!

Cartomante – Ah, pode entrar!

(Edinho entra. A Cartomante continua a ler as cartas.)

A Cartomante – Pode sentar aqui.

Edinho – Com licença.

A Cartomante – Que rapaz bonito!

Edinho – Como é que a senhora sabe, a senhora é cega!

A Cartomante (como quem cita um texto decorado) – Os dois olhos que tens pouco te adiantam, pois não podes ver a miséria que te cerca.

Edinho - Eu hein!

A Cartomante (depois de ter embaralhado as cartas) – Pode cortar.

Edinho – Assim?

A Cartomante – Assim! (depois que Edinho corta o baralho, a cartomante vai colocando as cartas sobre a mesa) Hum!

Edinho- Que é que cê tá vendo aí ?

A Cartomante- Eu vejo que no começo está seu fim.

Edinho (pra platéia)- Não entendi patavina.

A Cartomante – Desgraça. O valete de espadas.

Edinho- Não agüento mais desgraça.

(as luzes vão se enfraquecendo)

A Cartomante (como quem cita um texto)- Coabitarás com gente tua em sórdida concupiscência.

Edinho – Concu o quê?

(breu)

Edinho (alto)- Concu o quê? Concu o quê? Concu o quê?

A Cartomante- Concupiscência, idiota!

Cena 11

Luz. Cenário: Quarto de Edinho e sua mãe. Enquanto a mãe está na penteadeira, “retocando a sua maquiagem”, Edinho está de pé, andando de um lado para o outro. Edinho veste short e uma camisa de manga. Sua mãe está de camisola, ou baby doll, enfim, uma roupa de dormir.

A Mãe – Edinho, você não vem?

Edinho – Hum?!

A Mãe – Tô falando com você!

Edinho – Ah! Que foi?

A Mãe – Você não vem se deitar?

Edinho – Deitar?

A Mãe – É deitar? Não tá ouvindo direito? Não tá me escutando?

Edinho – Não, eu estava só pensando.

A Mãe – Pensando o quê?

Edinho – Pensando. Eu acho que eu não vou me deitar hoje.

A Mãe – Ué, vai passar a noite em claro?!

Edinho – Talvez. Ou então eu vou dormir de pé.

A Mãe – Que idéia de girico!

Edinho – Na cadeia, dizem que tem gente dorme até em pé.

A Mãe – E por acaso você não está preso?

Edinho – Quem sabe?

A Mãe – Você tá falando isso só pra magoar. Você sabe que eu não durmo sem você. Que eu não consigo pegar no sono enquanto que você não vem.

Edinho- Eu já sou o contrário. Quando eu tô muito bem dormindo, você vem. Aí eu não consigo mais dormir. Quando eu durmo, não consigo levantar.

A Mãe- Você bem que gosta de dormir comigo. Você sempre gostou.

Edinho- Mas agora eu já não gosto mais.

A Mãe- Não gosta mais, por quê?

Edinho (sem ouvir a mãe) – Hoje vou dormir de pé. Aliás, eu acho que vou passar a dormir de pé todas as noites. Eu já tô cansado de dormir aí espremido nessa cama.

A Mãe – Há muito espaço aqui, para nós dois.

Edinho – Eu acho que dormir em pé deve ser bem mais confortável.

A Mãe – Ah, essa é boa, essa é o fim da picada!

Edinho – Pois eu acho que não. Para não ter que dormir assim, desconfortável, eu seria capaz de dormir até sobre uma perna só. Que nem saci.

A Mãe- Quê idéia!

Edinho- Você duvida?

A Mãe – Filhinho, deixa de bobagem, vem pra cama!

Edinho – Nessa cama já não cabem mais nós dois.

A Mãe – Como não? Sempre coube!

Edinho – É, mas agora eu tô crescido. Agora já não cabe mais. Hoje eu acordei com o seu braço sobre o meu. Foi difícil de eu me levantar. É sempre assim. Quando não é o braço, é uma perna. Qualquer dia eu vou parar de novo no seu útero. Aí eu quero ver como vai ser.

A Mãe- E o que é que vai ser? (apontando pro ventre)

Edinho- Vai ser o fim...

A Mãe- Pois não se esqueça que você já esteve daqui.

Edinho- Isso já faz muito tempo.

A Mãe – Muito tempo? Pois fique sabendo que você ainda é uma criança.

Edinho – Eu já completei dezessete anos. Ano que vem faço dezoito.

A Mãe – Mesmo assim você ainda é uma criança. Não faz outro dia que você saiu das fraldas. Sabia que você só largou a fralda aos sete anos? Pois é verdade. Você só largou as fraldas aos sete. Sempre fez xixi na cama. Aos seis é que começou a andar. Até os doze eu ainda te dava o peito. Falar? Acho que só agora é que tá ensaiando as primeiras letras.

Edinho – Um dia eu chego lá.

A Mãe – Você é tão atrasado, mas tão atrasado, Edinho, que acho que só quando você ficar gagá é que você vai sair da adolescência.

Edinho – Espera só até eu trabalhar.

A Mãe – Você pode trabalhar no que você quiser. Você pode até carregar pedra, trabalhar até não mais poder, ganhar muito dinheiro e ficar rico que, ainda assim, vai demorar muito para você conseguir se livrar de mim.

Edinho – Eu vou trabalhar, ganhar muito dinheiro, comprar um'outra cama.

A Mãe – Você vai ter de comprar um'outra casa. Aqui não vai caber um'outra cama.

Edinho – Eu compro um'outra casa. Se for preciso eu compro um'outra casa. Apertado é que eu não fico mais.

A Mãe – Mas mesmo assim, mesmo não dormindo mais aqui, talvez você ainda sonhe comigo. Eu posso apostar que você ainda vai sonhar comigo.

Edinho – Eu nunca sonho. Eu nunca sonhei.

A Mãe – Pois você não sabe o que você está perdendo. Eu sonho todas as noites. Até acordada eu ainda sonho. Acho até que eu nem penso, só sonho. (divagando, consigo

mesma) Eu sonho que estou amando um colegial de dezessete anos de idade. Não sei aonde que eu ouvi isso. Que as mulheres só deviam amar colegas de dezessete anos.

Edinho – Ano que vem eu vou fazer dezoito.

A Mãe - Nem parece.

Edinho- Não tem que parecer.

A Mãe - Você só vai se livrar de mim quando eu morrer. Também, até lá você já vai estar muito velho. Eu tive você muito cedo, quando eu ainda era uma menina. A gente tem quase a mesma idade!

(A mãe termina de retocar a maquiagem, levanta-se, ajeita a camisola, etc, e vai pra cama.

Edinho continua de pé).

A Mãe- Edinho!

Edinho- Que é?

A Mãe- Vem!

(as luzes começam a se apagar)

A Mãe- Vem, Edinho! Vem que já está escurecendo. Vem!

(Edinho olha para a mãe. breu)

A Mãe- Vem, Edinho! Vem! Vem meu filho! Vem!

Cena 12

Cenário- Palco vazio. Edinho entra acompanhado de um amigo bem mais velho do que ele.

Na realidade, é o pai da mãe. No entanto, nem um nem outro sabe desse fato.

Edinho-Eu não consigo me livrar de minha mãe.

Pai- Dá um basta nela.

Edinho- Você fala assim porque não conhece ela.

Pai- Como é que ela é?

Edinho- Difícil de falar.

Pai- Ah, eu queria só ver.

Edinho- Um dia eu te levo pra cê conhecer. Agora não vai dar. Agora eu quero é me separar.

Pai- Separar?

Edinho- É.

Pai- Essa é boa.

Edinho- Escuta, por que você nunca fala de você? Do teu passado?

Pai- Por quê?

Edinho- Porque pergunto eu. O seu passado. Por que você nunca fala dele?

Pai- Que passado o quê?. O passado já era.

Edinho- Eu só queria saber.

Pai- Do meu passado nem eu mesmo quero saber.

Edinho- Eu já te conheço há algum tempo, há alguns dias, mas não sei nada de você. De mim você sabe de tudo. Digo, quase tudo. Pelo menos o principal. Mas não eu de você. De você eu não sei nada. De onde você veio, se já foi casado, ou teve algum outro amigo. Taí, nem a sua idade eu sei direito. Só sei que você é bem mais velho do que eu. Dava até pra ser meu pai.

Pai - Essa é boa.

Edinho- Acho que você dava até pra ser meu avô.

Pai- Eu já devo ser avô mesmo.

Edinho- Então você é bem velho, hein! Quantos anos você tem?

Pai - Trinta e poucos.

Edinho- Nem parece. Digo, parece muito mais.

Pai- Essa é boa.

Edinho- Parece até que você pinta o cabelo! Você não pinta o cabelo?

Pai (irônico)- Gostou?

Edinho- E o seu passado?

Pai- O meu passado? Este já passou. É melhor que ninguém saiba mesmo. Até eu, é melhor que eu não saiba.

Edinho- Por que melhor?

Pai- Melhor porque eu tive alguns problemas no passado. Problemas com mulheres.

Edinho- Mulheres? Algum problema com sua mãe? A sua mãe já deve estar bem velha? Você ainda tem mãe viva?

Pai- Não sei. Taí, você não sabe quem é o seu pai e eu não sei quem é a minha mãe. Meu problema não é com minha mãe. Minha mãe simplesmente não existe.

Edinho- Mas quem foi que te criou? O que importa é quem nos criou. O útero é importante. A gente sempre veio de algum útero. Mas o importante é quem nos criou. Acaba que a gente sempre vem do útero de quem nos criou. A nossa mãe é o útero que a gente se lembra. Do que a gente não se lembra já não vale.

Pai- Eu não me lembro de nada. Nem de uma cara eu me lembro, quanto mais de um útero.

Edinho- Eu já me lembro de tudo. Eu me lembro até de quando eu estava sendo concebido.

Pai- Essa é boa.

Edinho- Boa? É que você não sabe como é que eu fui concebido.

Pai- Não sei? Ué, eu pensei que todo mundo fosse concebido da mesma maneira. (estalando com a palma da mão) Pá!

Edinho- Nem sempre. Comigo a coisa foi de outra maneira.

Pai- Como é que foi?

Edinho (com gosto)- Minha mãe foi estuprada!

Pai (toma um susto, mas logo se recompõe) – Ah é! Mas toda mãe sempre é estuprada.

Edinho- Você não entendeu. Minha mãe foi estuprada mesmo.

Pai (ironizando)- Ah! Então você é um filho da puta!

Edinho (com raiva)- Puta é sua mãe!

Pai (safando-se)- Pode ser. Mas como eu lhe falei, da minha mãe não sei de nada.

Edinho- Então não diz da minha que você também não sabe!

Pai- Eu não, quem tá dizendo é você.

Edinho- Eu não disse nada! Eu não vou falar mais nada. Pra você ficar de gozação.

Pai (contemporizando)- Tá bom! Tá bom! Não vou falar mais nada. Não está mais aqui

quem falou Tá bom, sua mãe foi estuprada. Estuprada mesmo. E daí?

Edinho- Daí que eu não tenho pai. Esse sim, é um verdadeiro filho da puta.

Pai- Homem é assim mesmo.

Edinho- Você se mudou pra cá há pouco tempo. De onde é que você veio?

Pai- Eu vim de longe e estou só de passagem. Daqui a pouco eu vou me embora.

Edinho- Vai embora pra aonde?

Pai- Procurar uma mulher

Edinho- Ah! Então você já teve uma mulher

Pai- Mais ou menos. Eu já tive foi mulher, e alguns homens também. Eu não tenho preconceitos. O que vier eu traço, o que cair na rede é peixe. (olhando para Edinho)

Principalmente se for fresco. (pausa) Eu estou indo reparar um erro.

Edinho- Quê erro?

Pai- Um erro do destino.

Edinho- Ué, você acredita em destino? Você me disse que não acreditava em nada!

Pai- Nem mesmo na minha mãe que eu não conheci, nem em ninguém. Em nada que eu não posso segurar com a mão. Pá! Mas em destino eu acredito. Passei a acreditar. Desde que eu falei com uma cartomante. Ela me deixou muito impressionado. Ela adivinhou que eu estava vivendo, sem que eu dissesse nada, que eu estava vivendo em “sórdida concupiscência”.

Edinho (olhando pra platéia)- Ué! Eu acho que eu já ouvi isso antes!

Pai- Ela me via sem me ver. Cega, ela me via e adivinhava. Então eu resolvi que eu ia reparar aquela concupiscência toda. Por isso eu estou só de passagem. Eu estou indo para o interior. Porque me disseram, a tal da cartomante, mas também um jogador de búzios, um guarda de trânsito e um macumbeiro, além algumas outras pessoas que eu perguntei como garantia, que ela estava morando mais lá pro interior.

Edinho- Mas quando é que você vai? Você já vai embora?

Pai- Amanhã mesmo. Eu não posso perder tempo.

Edinho- A gente nem se conheceu direito.

Pai- É a vida.

Edinho- Você não quer conhecer a minha mãe?

Pai- Ué, pra quê?

Edinho- Ué, pra nada. Só pra conhecer.

Pai- Mas eu nunca conheço ninguém só por conhecer. Tem sempre um motivo. É o destino.

Edinho- Mas dessa vez você vai conhecer por conhecer. Porque eu quero. Porque eu gosto de você, mas eu também gosto de minha mãe. Então eu queria que vocês se conhecessem.

Pai- Pra mim isso não tem nada a ver. Eu não tenho nada a ver com sua mãe. Com você eu tenho um pouco. Mas com sua mãe... Eu preferia deixar as coisas acontecerem por destino. Se eu cruzar com tua mãe tá tudo bem. Mas se eu não cruzar também tá bem.

Edinho- E se eu lhe convidar?

Pai- Não dá porque parece que não tem nada a ver. Não parece que é destino. E hoje eu acredito em destino. Hoje eu só acredito no destino.

Edinho- Você vai lá como quem não quer nada. Pra tomar um café, ou então comer do bolo que sobrou da minha festa de dezessete anos.

Pai (para si mesmo) - Engraçado! Faz dezessete anos. Ela acertou até a data. Uma data a gente não adivinha, ou sabe ou não se sabe. Ela sabia. Também, ninguém fala de concupiscência assim de graça!

Edinho- O que que faz dezessete anos?

Pai- Faz dezessete anos que eu andava em sórdida concupiscência.

Edinho- Então, que tal você comemorar.

Pai- Comemorar? Ah, essa é boa. Uma concupiscência não se comemora.

Edinho- Então você comemora outra coisa. A nossa amizade, por exemplo. A gente poderia comemorar a nossa amizade. Bolo a gente já tem um. Só falta a gente comemorar.

Pai- Tá bom, então passo lá na sua mãe. Mas rapidinho. Porque eu não estou para perder meu tempo com coisa que não tenha a ver com o meu destino. Eu estou em busca de uma mulher.

Edinho- Tá bem. Então eu vou avisar à minha mãe. (despedem-se com um cumprimento)

Pai- Então vai lá. (enquanto Edinho vai saindo as luzes vão se escurecendo) Escuta!

Edinho- Que é?

Pai- Como é que é sua mãe?

Edinho- Como assim?

Pai- Como é que é? Que idade ela tem? Ela é bonita?

Edinho- Bonita ela é, mas não vai querer se meter com ela, senão eu rompo com a nossa amizade. E aí eu nunca mais vou ser seu amigo. Além disso ela tem idade... tem idade pra ser sua filha, ouviu? (vai embora)

Pai- Filha?!

Edinho (de fora do palco) É, filha. A minha mãe bem que pode ser sua filha.

(breu)

Cena 13

Cenário: casa da mãe adulta. Em cena, a mãe e o pai, à meia-luz.

Pai- Há dezessete anos que eu lhe procuro. Eu sabia que iria lhe encontrar. Só não sabia que você ainda estaria tão bonita. A barriga da gravidez não deixou nenhuma marca. Parece até que você nem engravidou. Também, você deve ter tomado os seus cuidados. Teve o cuidado de nunca mais ter filho. Os filhos, realmente, são a praga da humanidade.(pausa) Eu queria, não lhe pedir perdão, mas para voltar. Se for preciso, eu até peço perdão. Se for pra você voltar, eu peço. Por ter feito aquilo tudo. Por não ter te acolhido (pausa) Mas você também não deixou outra saída. Ou era ele ou eu. (pausa).

Agora ele já está crescendo. Transformou-se num rapaz até bonito...

A Mãe- Como é que você conheceu ele?

Pai- Hum?!

A Mãe- Eu perguntei como é que você conheceu ele?

Pai- Foi o destino.

A Mãe- Destino?

Pai- Ele até que é um rapaz muito bonzinho. Tornamo-nos amigos. Sem eu conhecer ele, nem ele a mim.

A Mãe (cortante)- Você não vai fazer nada com meu filho!

Pai- Eu não faço nada. Eu não faço mais nada, minha filha. Eu não posso mais. Acho que foi Deus. Foi muita concupiscência.

A Mãe (surpresa)- Concu o quê?!

A Pai (sem ouvir a mãe)- Uma cartomante me falou.

A Mãe (para a platéia)- Ué, ele nunca acreditou em nada!

(As luzes vão se enfraquecendo mais ainda)

Pai- Eu andava desesperado à sua procura. Quando, não sabendo mais o que fazer, eu resolvi procurar ...

(Breu)

Cena 14

O cenário muda para a casa da cartomante. Ou seja, não muda quase nada, ou nada. Entra a cartomante com o seu baralho e sai a mãe. Imediatamente o pai bate na porta da casa da cartomante. A porta imaginária mas real.

A Cartomante- Quem é?

Pai- Sou eu! Aquele que marcou uma hora com a senhora

Cartomante – Ah, pode entrar!

(O pai entra. A Cartomante continua a ler as cartas.)

A Cartomante – Sente-se aqui.

Pai- Com licença.

A Cartomante – Que senhor distinto!

Pai- Como é que a senhora sabe, a senhora é cega!

A Cartomante (como quem cita um texto decorado) – Os dois olhos que tens pouco te adiantam, pois não podes ver a miséria que te cerca.

Pai - Eu hein!

A Cartomante (depois de ter embaralhado as cartas) – Pode cortar.

Pai – Assim?

A Cartomante – Assim! (depois que o pai corta o baralho, a cartomante vai colocando as cartas sobre a mesa) Hum!

Pai- Que é que cê tá vendo aí ?

A Cartomante- Eu vejo que no começo está seu fim.

Pai (pra platéia)- Não entendi patavina.

A Cartomante – Desgraça. O valete de espadas.

Pai - Não agüento mais desgraça. (para a cartomante) Continua, continua. Eu estou a procura de uma mulher. Quero saber aonde ela está. Onde ela está? Onde ela está?

A Cartomante (tirando outra carta do baralho)- A dama de copas.

(as luzes vão se enfraquecendo)

Pai- O que é que diz, o que é que diz?

A Cartomante (como quem cita um texto)- Coabitastes e coabitarás com gente tua em sórdida concupiscência.

(breu)

Pai (alto)- Concu o quê? Concu o quê? Concu o quê?

Cena 15

(A cena volta de novo para a casa da mãe quando adulta, com o pai e a mãe em cena).

Pai- Então eu passei a acreditar. Eu que não acreditava em nada, acreditei. Agora eu acredito em quase tudo. Na realidade, eu sempre acreditei. Mas nunca assim. Nunca da mesma maneira que vocês. Eu nunca acreditei da mesma maneira (Pensativo). Pra mim, Deus sempre pareceu um ser maligno. Só podia ser. Senão, não teria acontecido tanta coisa. Tanta concupiscência.

A Mãe (consigo mesma) - Desculpa!

Pai- Eu vim pra te buscar.

A Mãe- Acho que não vai dar. Vai ser difícil.

Pai - Você não vem comigo?

A Mãe- Eu não vou com ninguém. Eu vou ficar aqui. Aqui mesmo. Com o meu filho.

Pai- Se você quiser, você pode vir com ele. Ele já está crescendo... daqui a pouco ele vai te abandonar...

A Mãe- Não sei por quê!

Pai- Porque é assim. É o destino. Ele viver com você em concupiscência e depois te abandonar. Foi assim comigo e agora vai ser com você.

A Mãe- Não sei por quê!

Pai- Você nunca sabe nada. Nunca soube e nem nunca saberá.

A Mãe- Eu sei. Eu sei sim! Agora eu já sei.

Pai- Se você soubesse, não falaria assim. Não falaria desse jeito.

A Mãe- Não sei porque?

Pai- Não sabe. Porque se você não vai comigo, Edinho vai.

A Mãe (assustada)- Não sei pra onde!

Pai- Pra onde eu quiser. Nós estamos amigos. Edinho já está cansado de você. Daqui a pouco ele faz dezoito anos. Então você não vai poder. Ele vai comigo.

A Mãe- Você não é capaz de tocar nele.

Pai- Eu não vou fazer nada. Como eu já disse, eu não posso. Por isso é que eu acho que deve existir Deus. Só mesmo um deus pra me tirar o meu poder. Mas Edinho vem comigo. Edinho é meu amigo. Se você não quiser vir com a gente, está bem, mas ele vem, Edinho vem comigo.

A Mãe (desesperada)- Pelo amor de Deus, não faça isso!

Pai- Não é eu, é ele. É o Edinho. Ele até quis me apresentar a ti. Eu é que não quis. Pra evitar. Pra evitar problema.

A Mãe- Não pode ser!

Pai- Mas é. É o destino. É o destino que a gente da nossa família viva assim. Em sórdida concupiscência. Foi assim eu com minha mãe e minha mãe com o pai dela. Até a primeira geração. Por isso é que eu agora acredito. Agora eu acredito em Deus. Porque antes eu pensava que a concupiscência era só minha. Mas ela é de todo mundo, ela é de ninguém. De geração em geração. Por isso eu acredito. Eu acredito que o primeiro homem, Adão, deve ter sido meu avô. Só pode ser. A Bíblia já dizia. Eu não acreditava. Mas agora eu acredito.

(as luzes vão enfraquecendo) É tudo repetição. E assim como antes da luz havia trevas, depois virão as trevas, novamente...

(Breu).

Cena 16

(Cenário: casa da mãe. Em cena, a mãe e Edinho. Este está com uma mala pronta para “viajar”. A mala é a mesma da mãe quando partiu da casa do pai há dezessete anos)

A Mãe (desesperada)- Meu filho, meu filho! Você não pode ir, não pode! Você não pode!

Edinho- Por que não posso?

A Mãe- Você ainda é um menino.

Edinho- Menino?! Eu já vou fazer dezoito anos.

A Mãe- Mas ainda não fez.

Edinho- Não fiz mas vou fazer.

A Mãe- Mesmo assim você não pode.

Edinho- Não sei por quê?

A Mãe- Porque não pode, porque tem outra coisa. Ainda tem um'outra coisa.

Edinho- Tem outra coisa.

A Mãe- Tem outra coisa.

Edinho- Quê outra coisa?

A Mãe- Você não pode ir. Você pode até ir, mas não com ele.

Edinho- Por quê!

A Mãe- Porque ele é seu pai.

Edinho (ouve sem surpresa)- Meu pai.

A Mãe- Ele é seu pai.

Edinho (para aplatéia)- Meu pai é meu amigo, não acredito!

A Mãe- Seu pai é seu amigo.

Edinho- Cê tá de brincadeira!

A Mãe- Brincadeira uma ova!

Edinho- Não acredito.

A Mãe- Pode acreditar.

Edinho- Não acredito.

A Mãe- E tem mais. Quer saber mais?Cê quer ouvir?

Edinho- Não, não quero nem saber. Não quero nem ouvir. Eu prefiro ignorar.Eu prefiro ignorar a minha descendência. (para a platéia) Eu preferiria até desconhecer quem é a minha mãe. Se eu não a conhecesse talvez fosse melhor. Se eu a desconhecesse, talvez até eu não sentisse vergonha de beijá-la. Mas acontece que eu a conheço. Eu sei quem ela é.

A Mãe- Tem mais. Ele é meu pai.

Edinho- Seu pai. Quem é que é seu pai?

A Mãe- Seu pai.

Edinho- Meu pai?

A Mãe- Seu pai.Meu pai é o seu pai.

Edinho- Isso é o fim da picada. Não dá pra acreditar.

A Mãe- Ele é seu pai. Seu e meu também. Ele é meu pai também. Seu e meu pai. Meu pai e seu avô. Eu sou sua irmã. Mãe e irmã. (com afetação) Meu filho, sua mãe é sua irmã. Eu sou sua irmã. Sua irmazinha!

Edinho (confuso)- Não dá pra entender.

A Mãe- É fácil. Todos nós somos parentes. Assim você entende. Todo mundo é próximo. Todo mundo é parente.

Edinho- Mesmo assim, não entendi. Não entendi patavina.

A Mãe- Não é pra entender. Procura então sentir. Você não gostou dele? Você deve ter gostado porque ele é seu pai. Eu também gosto dele, apesar de tudo...

Edinho- Mas você não me falou.

A Mãe- Não falei mesmo.

Edinho- Você não me falou. Você sempre me contou aquela história. A história do estupro. Do meu nascimento, como se tivesse sido um homem...

A Mãe- Pois foi.

Edinho- Você sempre falou bem do meu avô, do meu pai... digo, seu pai (consigo mesmo)

Ih! Já não sei nem mais quem é quem! (novamente para a mãe) Você sempre falou bem... do pai, do pai que só te beijava assim, na boca.

A Mãe- Falei mesmo.

Edinho- Mas como? O homem que te estuprou...

A Mãe- O homem que me esturpou.

Edinho- Mas como?!

A Mãe- Ele não me estuprou.

Edinho- Como?

A Mãe- Como o quê?

Edinho- Concu o quê?

A Mãe- Concu o quê nada, eu disse, como o quê?

Edinho- Afinal, como foi que eu nasci? Me diz. Eu nasci ou não nasci de um estupro?

A Mãe- Nasceu e não nasceu.

Edinho (para a platéia)- Não entendi patavi.Novamnete. (novamente para a mãe) Eu vou repetir. Nasci ou não nasci?

A Mãe- Nasceu e não naseceu. Já disse. Nasceu. Mas ele não me estuprou. Ou me estuprou, mas não assim.

Edinho- Como assim?

A Mãe- Fui eu.

Edinho- Você o quê?

A Mãe- A culpa é minha. Fui eu que fui culpada. Eu que seduzi.

Edinho (como se estivesse culpando a mãe)- Você que seduziu? Você que seduziu?

A Mãe (consigo mesma, como se nem tivesse ouvido o filho)- Foi eu que seduzi. Eu seduzi meu pai. Ele não fez por mal. Ele não fez. Ele não fez nada. Ele era tão casto! Seu beijo inocente! Tão inocente! Não havia maldade. Não havia maldade alguma no seu beijo. Meu pai era tão casto que eu acho que minha mãe nunca foi tocada. Minha mãe realmente nunca foi tocada. Eu devo ter nascido mesmo do Espírito Santo. (pausa) Papai era inocente, eu é que maldava. Maldava e seduzia. Tanto que ele não resistiu... (penumbra).

Cena 17

(Cenário: casa da casa da mãe quando criança. Em cena, o pai, a mãe e a mãe da mãe. O pai anda de um lado para o outro, como se estivesse preocupado; a mãe da mãe, como de costume, está sentada à mesa, muda, prestando atenção; a mãe está em pé, enamorada pelo pai.)

A Mãe- Pai! (o pai continua a andar sem ter ouvido a filha) Pai, papai!

O Pai (parando de repente e olhando para os lados como se nem soubesse quem estava chamando)- Hum!

A Mãe (como se estivesse longe do pai)- Papai, aqui ó! Sou eu!

Pai- Ah! É você minha filha!

A Mãe- É, sou eu.

O Pai- Que é, filhinha? O que é que você quer?

A Mãe (falando como uma criancinha)- Papai, me dá um beijinho?

O Pai (surpreso)- Beijinho?

A Mãe- É, ué! Me dá um beijinho!

O Pai- Mas agora?

A Mãe- Agora, por que não?

O Pai (meio sem jeito)- Sua mãe, ela está nos vendo!

A Mãe (puxando o pai pelo braço)- E daí? Ela não fala nada mesmo!

Pai (simulando uma resistência)- Não fala, não fala...

A Mãe (maliciosa)- E sabe o que mais? Eu acho que ela também não vê (a menina beija o pai, calorosamente, na boca).

O Pai- Não, filhinha, mamãe está nos vendo!

(Penumbra)

A Mãe- Nos vendo, nos vendo. Nos vendo nada! Mamãe não enxerga nada. É surda-muda e cega.

(Breu)

O Pai- Não, filhinha, não.

A Mãe- Me ama papai, me ama. Me ama, vai, me ama papai!

Cena 18

(Luz. O cenário muda para a casa da mãe quando adulta)

A Mãe- Fui eu que seduzi. Eu que seduzi, eu que sou culpada. Por isso é que ele ficou assim. Lascivo. Tão lascivo! Tão sem princípios, sem acreditar em nada. Nem em Deus, nem em ninguém, em nada.

Edinho- Então, você é que é culpada. Você é que é culpada pelo meu nascimento.

A Mãe- Fui eu.

Edinho- Meu pai não tem nada a ver com isso.

A Mãe- Papai não teve nada a ver. Papai não estava nem aí.

Edinho- Ele até quis me abortar!

A Mãe- Ele quis te abortar.

Edinho- Quis mesmo.

A Mãe- Se fosse por ele,você não nasceria. Você não estava nem aqui.

Edinho- Eu não estava.

A Mãe- Não estava mesmo.

Edinho- Talvez fosse melhor. Assim não haveria tanta concupiscência.

A Mãe- Concu o quê?!

Edinho- Concupiscência. Uma senhora me ensinou.

A Mãe (pra si mesma ou para a platéia) – Não aguento mais ouvir falar essa palavra!

Edinho- Talvez fosse melhor não ter nascido.

A Mãe (consigo mesma)- Mesmo assim você nasceu. Então eu fui ter meu filho em outro lugar. Em algum lugar fora desse mundo. E quando ele nasceu, eu passei a viver como se só existisse eu e ele. Eu e ele nesse mundo. E, de fato, era assim. Só existia eu e ele. E eu trocava suas fraldas, tirava o pó dos móveis, lhe dava o peito,arrumava a casa, lhe dava beijos, preparava a comida... Comemorando todos os seus aniversários.

Edinho- Ano que vem eu vou fazer dezoito.

A Mãe- Eu amava ele. Mais do que a qualquer coisa. Nesse mundo que ninguém habitava. Eu o amava. E ele foi crescendo e eu o amando mais. Tanto que o beijava. E dele não me desliguei. É como se ele ainda não tivesse se desligado do meu umbigo. Ele se alimenta de mim, eu me alimento dele. Tanto que, se ele for embora, eu acho que eu vou morrer de fome. Eu vou morrer de fome. É por isso que você não pode ir. Você não pode ir senão eu vou morrer. Senão eu vou morrer de fome. Eu vou morrer.

Edinho- Eu já acho que vou morrer se eu continuar aqui. Eu vou morrer contigo. Se eu não fizer nada, eu vou morrer contigo.

A Mãe- Você sempre viveu muito bem comigo.

Edinho- Mas agora eu não vivo mais.

A Mãe- Você seria capaz de ficar com quem quis te abortar? Quis te matar?

Edinho- Eu acho que até eu mesmo me abortava. Se eu pudesse eu teria me abortado. Como eu disse, eu acho que teria sido melhor eu não nascer. Mas, já que eu estou aqui, eu vou me embora.

(Edinho pega a mala que estava no chão, fazendo menção como se fosse embora)

A Mãe- Não vai agora, Edinho! Não vai agora!

Edinho- Eu vou sim. Eu vou agora mesmo.

A Mãe (segurando o filho pelo braço. Desesperada)- Não vá, meu filho! Não me abandona! Pelo amor de Deus, não me abandona! Eu vou morrer! Eu vou morer de fome! Você não vê?!

Edinho- Me larga, mãe, me larga!

A Mãe- Não me abandona! Não...

Edinho- Me larga, me larga!

A Mãe- Eu vou morrer!

Edinho (com raiva)- Que morra, mas me larga!

A Mãe- Eu vou morrer, eu vou morrer!

Edinho- Me larga! (com ódio, desvencilhando-se da mãe e, em seguida, pegando-a pelo pescoço e estrangulando-a . Essa cena vai se passar com o filho realizando o gesto do estrangulamento no ar e a mãe, bem próxima, ao lado, fazendo a cara como se estivesse sendo estrangulada. E ela está. O filho estrangula a mãe até a morte. Quando esta tomba no chão, o filho fica olhando estupefato, paralisado, por um instante. Em seguida, Edinho

chora, em silêncio, abaixando-se até o corpo da mãe que ele leva ao colo. Com o corpo da mãe no colo, Edinho canta para ela, tristemente, uma canção de ninar.)

Edinho- “Boi, boi, boi,

Boi da cara preta.

Pega essa menina

Que tem medo de careta”

(Tendo terminado de cantar, Edinho continua na mesma posição, paralisado. absorto, olhando para nada. De repente, aparece a cabeça do pai no fundo do palco)

Pai- Ei, Edinho, você não vem?

Edinho- ã?!

Pai- Você não vem? Vem que já está na hora vem!

(A cabeça do pai desaparece. Em seguida, Edinho se levanta, pega a mala e vai em direção ao pai, como um autômato. Enquanto Edinho está indo para o fundo do palco, ouve-se a voz do pai, em off: “Não se esquece de apagar a luz!”. Edinho, então dá meia volta, desliga o interruptor, as luzes se apagam, desce o pano).